

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 5 • 1995



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1995

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 5 • 1995 **ISSN: 0872-6086**

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
PREFÁCIO – Isaltino Morais
CAPA – João Luís Cardoso
FOTOGRAFIA – Autores assinalados
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Sogapal, Lda.
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 193-198

OSSOS DE CETÁCEO UTILIZADOS NO CALCOLÍTICO DA ESTREMADURA

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – INTRODUÇÃO

No decurso das escavações dirigidas pelo signatário no povoado pré-histórico de Leceia, foi recolhido, na campanha de 1990, um fragmento ósseo de grandes dimensões, possuindo profundos entalhes, de ambos os lados. A raridade desta peça, bem como a procura de paralelos, justificou a apresentação desta nota.

2 – CONDIÇÕES DO ACHADO

A peça em causa provém do *locus* (Fig. 1) a Oeste do *Bastião XX*, e da Camada 2, pertencente ao Calcolítico pleno da Estremadura (CARDOSO, 1994).

3 – DESCRIÇÃO

Trata-se de porção proximal de costela de cetáceo; um dos lados, com bordos boleados e erodidos (Figs. 2 e 3), mostra-se rectilíneo, sugerindo ter sido obtido por serragem; o lado oposto, encontra-se fracturado acidentalmente, em parte por

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

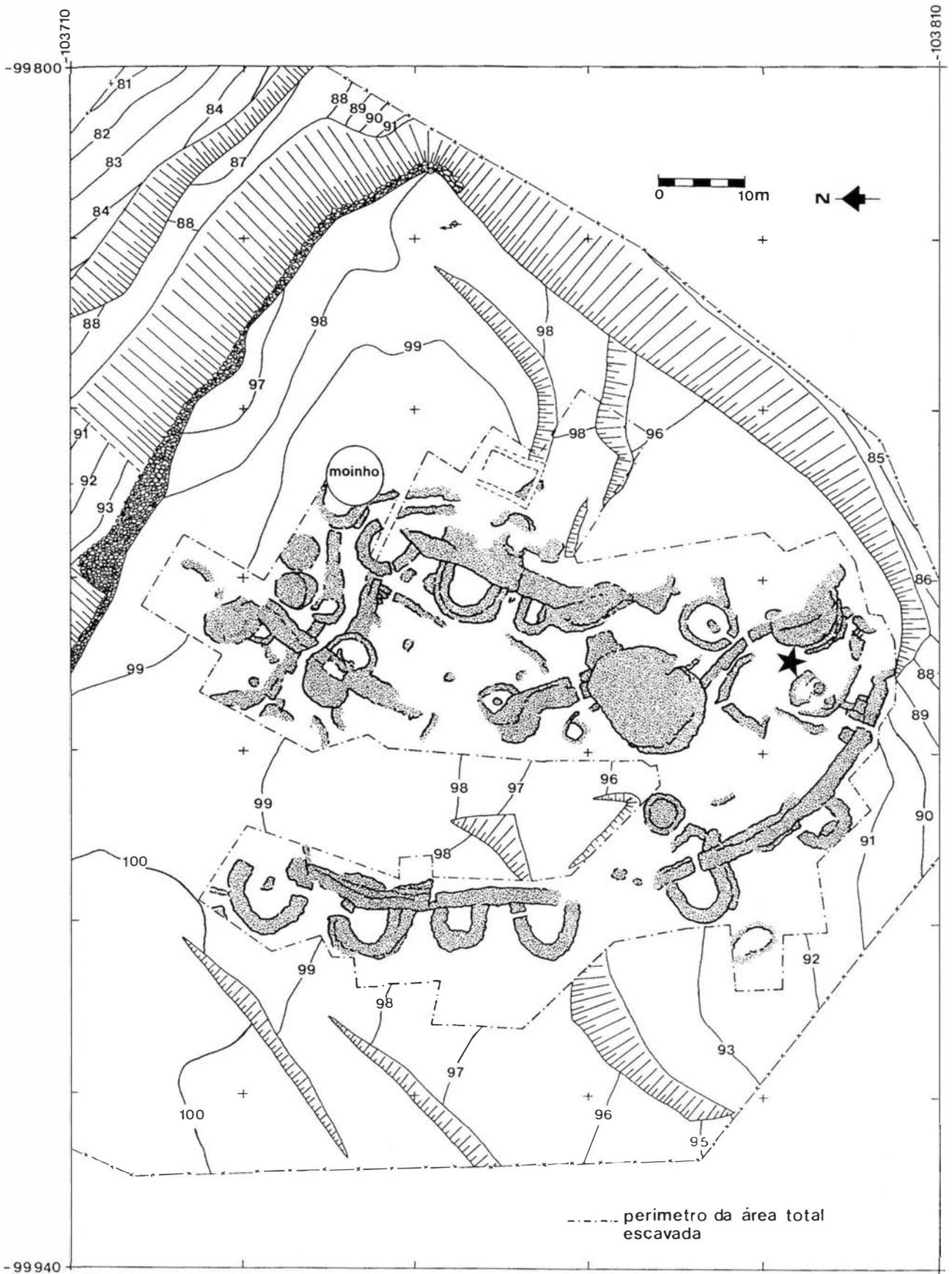


Fig. 1 – Leceia 1983-1995. Planta geral esquemática das principais estruturas, com localização do achado do osso de cetáceo estudado.

impacto recente; porém, uma zona do referido lado conserva a superfície primitiva da peça, permitindo, deste modo, conhecer o seu comprimento original. Ambas as faces, correspondentes às duas tábuas do osso (Figs. 2 e 3), apresentam numerosos e profundos cortes não denunciando qualquer direcção preferencial; torna-se evidente que tais marcas foram produzidas por instrumento cortante, sem dúvida pesado, pois só assim seria possível a profundidade atingida por alguma delas, na tábua óssea. Considerando a camada recolhida, no conjunto da estratigrafia geral definida na estação (CARDOSO, 1989, 1994), torna-se claro que tais marcas poderiam ter sido produzidas tanto por machado de pedra polida como de cobre, actuando como cutelo, muito embora o cobre, na época, fosse ainda muito incipientemente utilizado.

4 – INTERPRETAÇÃO

É evidente que as marcas de corte ostentadas por esta peça não correspondem a nenhuma finalidade em si mesmas; a aleatoriedade e diversidade que evidenciam são apenas consequência de actividades executadas sobre as superfícies das tábuas ósseas, utilizadas, desta forma, como áreas de trabalho dormentes. Independentemente da natureza dos produtos manufacturados, a escolha desta superfície passiva ficar-se-ia a dever à preocupação com a não mutilação do gume dos machados, utilizados no corte, visto o osso ser menos duro do que tais artefactos. Trata-se, por conseguinte, de uma peça de ocasião, sem indícios de trabalho intencional a não ser o seccionamento de ambos os topos; o osso terá sido recolhido numa praia do estuário, em cadáver de cetáceo que tenha acidentalmente dado à costa, como ainda hoje por vezes acontece.

5 – COMPARAÇÕES

Em Portugal, um artefacto com funções idênticas foi assinalado na gruta do Escoural (SANTOS *et al.*, 1990). Trata-se de um fragmento da tíbia de *Equus caballus*. Recolhido no decurso de explorações ali realizadas na década de 1960, as indicações estratigráficas e, sobretudo, a patina e mineralização que ostenta, a par da natureza da espécie a que pertence – muito escassa no Neolítico e Calcolítico – faz crer em época paleolítica. As finas marcas que ostenta, na tábua posterior da diáfise tibial, indicam uma utilização da área passiva recorrendo a lâminas cortantes, por certo de sílex, dando credibilidade à hipótese de que os produtos ali manufacturados fossem peles, ou a produção de tiras de couro. Trata-se, pois, de marcas muito diferentes dos profundos e irregulares golpes patentados na peça de Leceia, correspondendo a impactes cortantes.



Fig. 2 – Osso de cetáceo de Leceia. Vista de uma das faces.



Fig. 3 – Osso de cetáceo de Leceia. Vista da face oposta à da Fig. 2. Observem-se as marcas de corte.

Conquanto não atribuível a bigorna, há ainda, a registar um extensa tábuia óssea, também pertencente a costela de cetáceo, recolhida no povoado pré-histórico de Alpena (Trafaria), com ocupação calcolítica.

Descrita por C. ZBYSZEWSKI (1977), observou-se, no lado utilizado, alisamento intencional, ostentando o outro, conservando a estrutura interior do osso, com os canais de Avers, vários cortes pouco acentuados.

A atribuição da placa a paleta, ou a suporte para o espalhamento de tintas destinadas a pinturas, poderia confirmar-se caso o “resto de corante vermelho observado numa ranhura do reverso” (ZBYSZEWSKI, 1977, p. 194) fosse inquestionavelmente da época da utilização do artefacto, o que não se pode demonstrar; trata-se de achado de superfície, pelo que a idade correspondente é, também, questionável.

6 – CONCLUSÕES

1 – Estuda-se uma peça óssea, do Calcólítico pleno do povoado pré-histórico de Leceia, aproveitando um segmento de costela de cetáceo, seccionada em ambos os topos, por certo recuperada em praia estuarina adjacente.

2 – As profundas, intensas e aleatórias marcas de corte indicam que a peça serviu de suporte ao corte de produtos com machado.

3 – Como elemento de comparação, há apenas a registar uma tíbia, de cavalo, cuja diáfise foi também aproveitada como área de trabalho, porém para finalidade diferente, com indicam as finas marcas conservadas.

4 – A provável paleta do povoado de Alpena (Trafaria), do outro lado do estuário do Tejo, sugere que as populações ribeirinhas pré-históricas aproveitavam o ossos dos cetáceos que, então como hoje, esporadicamente, davam à costa.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, J.L. (1989) – Leceia. *Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.

CARDOSO, J.L. (1994) – Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, número especial. Câmara Municipal de Oeiras, 164 p.

GOMES, M. Varela; CARDOSO, J.L. & SANTOS, M. Farinha dos (1990) – Artefactos do Paleolítico superior da gruta do Escoural. *Almansor*, 8, p. 15-36. Câmara Municipal de Montemor-o-Novo.

ZBYSZEWSKI, G. (1977) – Três ossos de vertebrados quaternários. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 61, p. 191-194.